

# Arte Comentada 3

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

 **Atena**  
Editora

Ano 2020

# Arte Comentada 3

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

 **Atena**  
Editora

Ano 2020

### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

### **Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima

Luiza Batista 2020 by Atena Editora

Maria Alice Pinheiro Copyright © Atena Editora

**Edição de Arte** Copyright do Texto © 2020 Os autores

Luiza Batista Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Revisão** Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora

Os Autores pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

#### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

#### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### Conselho Técnico Científico

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário:** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Luiza Batista  
**Edição de Arte:** Luiza Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Ivan Vale de Sousa

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

A786 Arte comentada 3 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-65-5706-227-2  
DOI 10.22533/at.ed.272202407

1. Arte – Crítica e interpretação. 2. Arte – Filosofia. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 707

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A arte, neste e-book, dá textura e compõe os sentidos que estão presentes em cada um dos capítulos, comentados e discutidos por seus autores, reafirmando a necessidade de existência da arte. A arte constitui-se na experiência dos sujeitos com a obra e da obra com seus apreciadores, pois todos nós temos uma relação de aproximação com o fazer artístico como representação das atitudes humanas.

É preciso compreender quantos segredos podem ser descobertos em cada modalidade artística e quantas artes podem ser comentadas. A arte nos possibilita viajar sem que saíamos do lugar de origem, ela nos envolve em um processo de planejamento, apreciação, produção e análise, pois as redes de saberes artísticos inserem os sujeitos em um processo contínuo de investigação.

A arte constitui-se a partir de um objeto artístico em que tal objeto pode ser interpretado pelo olhar do observador, pois a reconstrução interpretativa de cada obra de arte é única, nenhum olhar é igual ao outro ao observar as nuances, os sentidos e os sentimentos que as obras de arte possibilitam. O que seria de nós sem o papel essencial da arte?

Desde a pré-história, já nas chamadas pinturas rupestres, percebemos que as marcas artísticas vêm sendo adaptadas aos contextos de utilização. Embora como muitos pensam a arte não tem apenas o poder de encantar, mas também de problematizar questões e propor as soluções para os contextos comunicativos, poéticos e estéticos.

As linguagens artísticas exigem planejamento para sua execução e podem ser percebidas tanto no teatro, na dança, nas artes visuais, nas artes cênicas quanto na música. Assim, a arte é vista como experiência e a principal e maior vivência artística está na constituição do texto em que os saberes poéticos e estéticos são e podem ser compartilhados nas possibilidades contextuais.

Todos os capítulos que dão forma a este e-book trazem os leitores para os contextos mágicos, eficazes e necessários possibilitados pela arte. Com isso desejamos excelentes reflexões e que o colorido dos trabalhos os auxilie na coloração do mundo desbotado, pois a experiência da arte fortalece-se, reconstrói-se e estabiliza-se na instabilidade de olhares apreciativos atento às pinceladas, aos passos marcados, às feições, aos sons e ao deslizar da caneta no papel tornando o texto uma prosa poética, artística e iluminada no palco da existência.

Ivan Vale de Sousa

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A HISTÓRIA DA ARTE, A OBRA DE ARTE E A FASCINANTE REALIDADE DA AMBIGUIDADE VISUAL.	
Sandra Makowiecky	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2722024071</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>16</b>
ELA É: UMA PERFORMANCE <i>DRAG</i> COMO EXERCÍCIO ARTÍSTICO-POLÍTICO	
Lívia Rocha Helmer	
Reyan Perovano	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2722024072</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>24</b>
O QUE É NECESSÁRIO PARA SE FAZER UMA FOTOGRAFIA: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Cristiane Martins	
Rossano Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2722024073</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>34</b>
ESPOSAS, MARIDOS E CASAMENTOS: O DES(AMOR) COMO SIGNIFICADO NA ARTE CONTEMPORÂNEA	
Natasha Satiko Miamoto	
João Paulo Baliscei	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2722024074</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>48</b>
MULHER-MARAVILHA: REPRESENTAÇÃO SOCIOCULTURAL NA CINEMATOGRAFIA	
Gabriella Maidana de Mello Miranda Gonçalves	
Claudia Priori	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2722024075</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>61</b>
CRAVO BRASILEIRO, COM CERTEZA	
Rosana Lanzelotte	
Carlo Arruda	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2722024076</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>72</b>
DESENHO DE MEMÓRIA NA DEFICIÊNCIA VISUAL	
Ivan Vale de Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2722024077</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>82</b>
O ENCONTRO E A FUGA DA CIÊNCIA E DA FICÇÃO CIENTÍFICA NO CINEMA NACIONAL E NA HISTÓRIA DO POVO BRASILEIRO	
Vitor de Almeida Sawaf	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2722024078</b>	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>94</b>
REFLEXÕES SOBRE A INFLUÊNCIA DE FATORES CULTURAIS NOS PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM MUSICAL DE PROFESSORES	
Lisiane Mari de Souza Mendes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2722024079</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>105</b>
A MÚSICA E O CÉREBRO EXECUTIVO NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL	
Maria Clotilde H. Tavares	
Sandra F. C. Dourado Freire	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27220240710</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>117</b>
HETEROGÊNESE EM DISPOSITIVOS FOUCAULTIANOS NA EXPERIMENTAÇÃO COM ARTE E TECNOLOGIA	
Leonardo da Silva Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27220240711</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>130</b>
EXEMPLOS DE <i>EPIZEUXIS</i> EM JOSÉ JOAQUIM EMERICO LOBO DE MESQUITA	
Eliel Almeida Soares	
Rubens Russomanno Ricciardi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27220240712</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>143</b>
AS REPRESENTAÇÕES DE FAMÍLIA (IM)PERFEITA NAS VISUALIDADES DA ARTE CONTEMPORÂNEA:UM ESTUDO INICIAL SOBRE REPRESENTAÇÕES	
Natasha Satiko Miamoto	
João Paulo Baliscei	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27220240713</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>151</b>
ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A OBSERVAÇÃO E A PARTICIPAÇÃO COMO RITMISTA	
Michele de Almeida Rosa Rodrigues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27220240714</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>158</b>
<i>ANIMALIS IMAGINIBVS</i> – (AS)SIMETRIAS ENTRE ARTE E CIÊNCIA NA OBRA DE MAURO ESPÍNDOLA	
Daniela Remião de Macedo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27220240715</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>167</b>
RE-TRATO FEMININO	
Maria de Fátima Gonzaga	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27220240716</b>	

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>175</b>
UM <i>PODCAST</i> MUSICADO E SEU USO COMO RECURSO INTERDISCIPLINAR	
Thércio Lima Menezes	
Paulo Roberto Affonso Marins	
Eloisa Assunção de Melo Lopes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27220240717</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>185</b>
OBSERVADORES EFÊMEROS E IMAGEM-SINTOMA EM PETER BRUEGHEL: UMA CONEXÃO COM GEORGES DIDI-HUBERMAN	
Ilma Guideroli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27220240718</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>192</b>
ANÁLISE DO MAXIXE “DUETO DE LUMINÁRIAS E DIABO”: COPLA PARA CANTO E PIANO DA MÁGICA - A BOTA DO DIABO	
Renata Freitas Borges	
Flávio Cardoso Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27220240719</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>204</b>
A TRAJETÓRIA DE JEAN ROUCH E UMA ANÁLISE DO FILME <i>A PIRÂMIDE HUMANA</i>	
Eduardo Antonio Ramos Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.27220240720</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>213</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>214</b>

## O ENCONTRO E A FUGA DA CIÊNCIA E DA FICÇÃO CIENTÍFICA NO CINEMA NACIONAL E NA HISTÓRIA DO POVO BRASILEIRO

*Data de aceite: 01/07/2020*

*Data da submissão: 17/04/2020*

**Vitor de Almeida Sawaf**

UNESPAR – CAMPUS CURITIBA II – FAP  
(Faculdade de Artes do Paraná)/ Cinema e  
Audiovisual

Curitiba – Paraná

<http://lattes.cnpq.br/1536172669529554>

**RESUMO:** O texto visa apresentar um panorama histórico elencando três filmes do cinema brasileiro que utilizam elementos do gênero de ficção científica e/ou elementos científicos, de tecnologia e de eletrônica – tratando o tema como algo possível em qualquer lugar que se desenvolva o cinema, não só em países com indústria cinematográfica forte e consolidada. Através da introdução das obras “O Homem do Sputnik” (Carlos Manga, 1959), “Excitação” (Jean Garrett, 1976) e “Branco Sai, Preto Fica” (Adirley Queirós, 2014) questões que permeiam os diferentes filmes serão levantadas, ligadas a recortes históricos e contextos variados, trazendo a tona a existência e a negação da ciência, de objetos científicos e de pesquisa científica no Brasil. Bem como se buscou discutir o fato do país ser fortemente atrelado a

uma cultura de sincretismo religioso combinado com um distanciamento da população em geral para com a ciência e a tecnologia enquanto produção e não apenas uso, conectando ambos os pontos com a ideia de uma “identidade nacional” presente na vida do povo e nos filmes. **PALAVRA-CHAVE:** Ficção científica nacional; FC brasileira; Identidade Nacional; Tecnologia; Ciência.

THE ENCOUNTER AND ESCAPE OF  
SCIENCE AND SCIENCE FICTION IN THE  
NACIONAL CINEMA AND IN THE HISTORY  
OF THE BRAZILIAN PEOPLE

**KEYWORDS:** Nacional science fiction; Brazilian SF; Nacional Identity; Technology; Science.

## 1 | O ENCONTRO E A FUGA DA CIÊNCIA E DA FICÇÃO CIENTÍFICA NO CINEMA NACIONAL E NA HISTÓRIA DO POVO BRASILEIRO

O presente constantemente se molda sobre o reflexo do passado, principalmente se nos basearmos na etnografia das populações, em suas miscigenações e nos moldes de vida que foram impostos ao mundo pelo período de colonizações, revolução industrial, capitalismo e globalização.

O planeta passou a girar numa lógica diferente durante o século XX, hoje vivemos ao reflexo disso em conjunto ao reflexo de um passado anterior. No Brasil é fácil perceber estes moldes que não escolhemos, com o qual apenas convivemos. Nossa nação é jovem em comparação com os continentes de civilização consolidadas há séculos. Este território foi invadido e teve sua população praticamente inteira trocada e renovada com a colonização de caráter imperialista (portugueses, espanhóis, franceses), escravagista (sobre a população africana), de busca de trabalho nos campos do sul do país e na cidade de São Paulo (italianos, japoneses, alemães, poloneses etc.) e recentemente com a migração destinada a metrópoles de populações de países em conflitos ou não (chineses, venezuelanos, haitianos, levantinos etc.). Devido a constante “invasão” de seu território e a relação aberta com o mundo nas últimas décadas, o Brasil se insere numa posição de contrastes únicos, de classes e de modos de vida. Porém, paralelamente, o imperialismo constante nos introduziu a tecnologia e a mecanização dos meios de produção, criação e comunicação iniciados pela revolução industrial.

Se a lógica do mundo mudou, foi por causa de uma nova maneira de lidar com a criação de maquinário tecnológico. Em cem anos, o planeta avançou neste sentido o que não tinha avançado em seis mil anos de civilizações, se formando, desenvolvendo conhecimento, anexando terras invadidas e depois se autodestruindo ou desaparecendo em guerras. A velocidade das máquinas alterou o rumo de nossas vidas, porém, quem criou e cria tais máquinas e tais tecnologias, que são tão comuns cotidianamente no presente, não somos nós, brasileiros. Praticamente tudo vem da China, dos EUA, da Alemanha, da Inglaterra e do Japão, ou seja, de países mais desenvolvidos em informação e ciência atualmente.

A lógica de vida do brasileiro é comportar todas as novas invenções sem ser o detentor de nenhuma, dividindo a população (não igualmente), no século XX, entre os que conviviam diariamente com tecnologias simples, como eletricidade e carros, e que já tinham uma noção do potencial futurístico de toda a tecnologia que recebíamos mesmo sem buscar entendê-las – população das cidades – e entre aqueles que continuaram vivendo nos campos com pouca relação com as novas invenções cotidianas, pensando pouco a fundo sobre elas e suas consequências, as tratando como algo distante ou de valor extremamente alto. Atualmente, em decorrência do *boom* das cidades grandes, é possível ver o apagar da linha divisória entre a população para com a tecnologia eletrônica

e de mecanização, uma vez que no presente se convive massivamente com televisões, carros, geladeiras, celulares, computadores, energia elétrica etc.

Neste mundo tecnológico e moderno se fez brotar uma forma de arte, expressão e representação da vida advindo da revolução industrial, o cinema, a arte nascida numa realidade fabril. Meio que foi recebido no Brasil como foi recebido em todo mundo, com cautela por classes mais altas e com euforia e animação perante uma nova forma de entretenimento mais profunda nas camadas da vida e da imagética e também mais rápida para classes baixas que o teatro ou que a leitura de livros e textos. O cinema se desenvolveu rapidamente, não por acaso, nas nações que detinham o poder de domínio e fabricação das diretrizes da revolução industrial. EUA, Inglaterra, França, Alemanha. Com tanta carga de filmes foi inevitável o surgimento de gêneros que comportavam expectativas do público de acordo com seus gostos. E logicamente existiram filmes que falaram sobre máquinas, tecnologias e a relação de nós, humanos, com as mesmas. Uma vez que estas relações já eram muito presentes no mundo da literatura por exemplo, de onde a noção dos gêneros foi importada. Apesar do aumento da popularidade da ficção científica na atualidade devido a percepção dos rápidos avanços tecnológicos, o segmento se fez presente no cinema logo em seus primeiros quarenta anos de vida, principalmente na Alemanha e nos EUA. Explorando as angustias de um mundo extremamente modernizado, entrelaçando relações psicológicas, humorísticas, de suspense e de terror com o cotidiano da Terra pós-revolução industrial.

O cinema no Brasil tem uma história diferente justamente por ser o oposto das nações que ditavam regras maquinais e de cinema. Num lugar onde a lógica industrial da sétima arte vingou por um curto período de tempo, não se fez nascer separações de gênero tais quais a de países com cinema altamente desenvolvido. Popularmente, o gênero brasileiro mais assistido antigamente, quando o país chegou a desenvolver um sistema industrial de estúdios, e hoje em dia, graças a apenas um estúdio de televisão que faz a lógica industrial do cinema ainda existir aqui, é a comédia. Por outro lado, o Brasil é repleto de um cinema dramático e autoral proveniente de sua condição de país subdesenvolvido (familiarizando o meio cinematográfico nacional com cinema de baixo custo) e do período de movimento global nos anos 60 de transformação do cinema para que se tornasse mais “regional” e fiel a história de cada país e de suas populações. Se tornando comum a questão de gênero em geral ter limites frágeis, pelo distanciamento com a realidade de produção existente nos EUA, por exemplo e pela vontade autoral de realizadores nacionais.

O falar de tecnologia era e continua uma exceção num país colonizado, de crenças variadas, com distanciamento na criação e invenção de ciência. A questão de gêneros menos marcados, filmes mais livres neste sentido, fez o lado especulativo e fantástico da sétima arte caminhar mais próximo com um misticismo e com um realismo fantástico que pode ser mais natural para os povos da América Central e do Sul. Ou nem existir

em muitos períodos, sendo mais comum o fantástico em conteúdos de literatura e em telenovelas. Porém, não se deve se enganar, um país de terceiro mundo como o Brasil conviveu com expansão das máquinas e convive com a tecnologia eletrônica e com a mecanização dos meios. Sem contar todo o tom aventureiro negativamente, utópico e progressista que se deu a formação do Brasil. Criando aqui um território natural para a existência da abordagem da ciência e da tecnologia no cinema, por mais que seja pouco explorado.

Partindo da inexistência de tantas marcações e fórmulas de gêneros em nações não imperialistas, podemos observar, paralelamente, que nenhum fenômeno cinematográfico é exclusivo de nações poderosas se todo o globo absorveu e percebeu os impactos da modernização e da globalização; como coloca Alfredo Suppia em seu estudo sobre o cinema de ficção científica brasileira, “Atmosfera Rarefeita: A Ficção Científica no Cinema Brasileiro”, em resposta ao teórico estadunidense John Baxter que defende que o gênero de ficção científica no cinema é por excelência norte-americano:

Advogar a nacionalidade da FC não seria contraditório em relação aos princípios norteadores desse gênero? A globalização, processo não muito recente segundo alguns autores, mais a notória produção internacional de filmes de FC, não seriam fatores de peso para a análise de um cinema universal de ficção científica? [...] Nem o cinema de ficção científica, nem tampouco a literatura do gênero, são fenômenos restritos a nacionalidade. A FC é, hoje, um fenômeno transfronteiriço. Portanto, existe sim cinema de FC no Brasil e demais países da América do Sul, assim como no leste europeu, na Turquia, na Coreia do Sul, na África, Índia e demais localidades do globo. Numa palavra, onde há cinema corre-se o risco de haver cinema de FC. (SUPPIA, 2013, p. 15-17).

Em outro momento Suppia ainda completa discorrendo sobre a iconografia da ficção científica para com a formação histórica do Brasil:

No fundo, o Brasil tem grande afinidade com a ficção científica. O próprio “projeto” de Brasil se rende ao imaginário da FC sem muita dificuldade. Desde seu início, como colônia de exploração, passando por suas diversas experiências econômicas e sócias, pelo projeto de uma capital futurista como Brasília, até os dias atuais [...] “País do futuro”, o famoso predicado proposto por Stefan Zweig (1881-1942), é o que o Brasil parece sempre ter sido (e continua sendo), e talvez nisso resida sua afinidade tácita com a FC. Um país multicronológico e multifacetado, que abriga tanto o arcaico quanto o moderno, e em espaços incrivelmente compactados. Em cidades como São Paulo ou Rio de Janeiro, basta ir de um bairro a outro para se viajar da “Bélgica” a “Bangladesh”, ou do século XIX ao XX. (SUPPIA, 2013, p. 349).

Sendo clara esta relação mais distanciada com gêneros no cinema brasileiro, porém confirmando a afinidade do Brasil com temas tecnológicos, se propõem agora a construção de um panorama histórico do entrelaçamento de produções fílmicas nacionais com abordagens amplas e estruturais para a narrativa das obras sobre tecnologia (não necessariamente envolvendo ficção científica) e suas relações com a população através das personagens apresentadas, buscando elementos a serem pontuados em três filmes de períodos, movimentos cinematográficos reconhecidos e nominados e de construção de personagens de classes e maneiras de vida diferentes entre cada uma das obras.

## 1.1 O HOMEM DO SPUTNIK (CARLOS MANGA, 1959) – A TECNOLOGIA PARA NÃO SER CONHECIDA, APENAS VENDIDA

Ao apagar das luzes da existência da Companhia Cinematográfica Atlântida, Carlos Manga, um dos mais prolíficos diretores do meio carioca na época, deixou marcado na história do cinema brasileiro uma chanchada que batia de frente com produções do próprio estúdio que vieram antes, desmontando o estigma de comédias musicais carnavalescas e fáceis rotuladas pelos críticos da época sobre os filmes da Atlântida. Em um filme de comédia rodado grande parte em estúdio, *O Homem do Sputnik* fala da condição sonhadora, no que tange o capitalismo, da população brasileira que até então vivia dividida entre os campos e as cidades urbanizadas em contraponto com a “guerra” armamentista e tecnológica que acontecia entre as nações mais poderosas do globo.

No filme, Anastácio (Oscarito) e Cleci (Zezé Macedo), um casal sitiante de algum lugar no interior do estado do Rio de Janeiro que tem uma típica relação de desdém e diferenças entre si (ela é a fineza caipira, tem uma vontade de cidade grande, ele é humilde e não almeja grandes coisas), são surpreendidos numa noite de temporal com a queda de um objeto circular e metálico sobre o galinheiro do sítio. No dia seguinte, acabam reconhecendo ser o satélite artificial da União Soviética *Sputnik 1* através de uma manchete de um jornal. O artigo fala sobre a possibilidade de queda do objeto que estava no espaço e ainda reitera que o mesmo é revestido de ouro.

Maravilhados com a descoberta, o casal procura uma meio de penhorar o objeto até toparem com o jornalista Néelson (Cyll Farney) que em nome do furo e de uma melhor posição no jornal para qual trabalha aceita se tornar um “agente” dos dois, os lavando rapidamente ao começo de uma vida de luxo no Hotel Copacabana Palace. Local onde são aguardados encontros com líderes mundias a cerca da queda do Sputnik.

Atingidos pela notícia da possibilidade do Sputnik estar nas mãos de um casal carioca humilde, um grupo de representantes da URSS, um grupo estadunidense e um grupo francês se preparam para vir até o Brasil. Em meio a um jogo de tentativas e erros o casal caipira é empurrado para o centro de competição entre as nações poderosas. Anastácio é seduzido diversas vezes pela personagem de Norma Bengell, uma moça a la Brigitte Bardot que veio justamente em nome da sedução, ela tenta através do sexo uma garantia de que o satélite irá para a França. Se utilizando de ameaças veladas de torturas e morte os soviéticos tentam uma aproximação com Anastácio e os representantes dos EUA se comunicam de forma dúbia, tratando Anastácio como uma criança, sempre brincado e relacionando o impasse a política de boa vizinhança.

Cleci acaba delatando o paradeiro do satélite para os Soviéticos por se sentir abandonada e Anastácio o faz para os franceses por não aguentar a pressão da mulher sedutora. Os envolvidos na situação vão até o sítio, mais especificamente até o poço, local onde o artefato fora escondido. Em meio a uma briga infantil de cabo de guerra entre

os poderosos representantes dos países, um vizinho de Anastácio e Cleci surge para revelar que encontrou o objeto e o devolveu ao seu lugar de origem, em cima do telhado da igreja, uma vez que se tratava de um para raio e não de um satélite artificial.

Em um filme que foi feito para ser assistido por um público de massa, com forte e clara influência do cinema de comédia estadunidense popularmente chamada de “comédia pastelão”. O Homem do Sputnik consegue introduzir claramente o tema da falta de conhecimento ou da falta de conexão do povo brasileiro com tecnologias de ponta estrangeiras. Em um ambiente rural onde vivem Anastácio e Cleci, pouco importa o valor científico do artefato, a conexão cabível a eles é a do dinheiro que tal objeto pode lhes trazer.

Num filme clássico de ficção científica, o *Novum*, tende a trazer novas experiências, expectativas de vida e conhecimento as personagens principais. No filme de Carlos Manga, o objeto científico apresentado não realiza funções que desafiam o entendimento humano e nem chega perto de ser apresentado como uma arma ou como uma solução a um problema. O Sputnik é exclusivamente uma sucata valiosa para Cleci e Anastácio, bem como seu domínio é visto pela França e pelos EUA não como um meio de possuir um artefato agregador de tecnologia e ciência de ponta e sim como um meio de sabotar a URSS que é mostrada no filme como a “líder” da corrida espacial existente no mundo naquele período, que culminaria com a chegada do homem à lua dez anos após o filme. Os representantes de cada nação que procura pelo Sputnik estão certamente anos à frente em conhecimento tecnológico, criando uma relação direta de domínio tecnológico com poder. Porém, por mais que o Sputnik do filme tenha este valor de ficção científica nulo – o filme em nenhum momento abre brecha para ser enquadrado dentro de tal gênero – o efeito da tecnologia sobre a vida do casal sitiante se faz valer ao mudar completamente a realidade de suas vidas, introduzindo Cleci ao seu sonho humano e capitalista de poder ser uma mulher rica retratada em colunas sociais e a Anastácio o colocando nos centro das atenções em meio a pessoas extremamente poderosas, o fazendo caminhar em direção a um suposto prazer de poder ser desejado por uma mulher francesa e de conviver em uma mesa onde todos riem de suas piadas.

A obra retrata uma ligação naturalmente globalizada e mundial para com a ciência e a tecnologia, que se mantém em atualização frente a uma corrida capitalista ou frente a uma corrida de motivações de guerra. Anastácio e Cleci tem pouco contato com ciência comparado com cidadãos moradores de uma cidade urbanizada em 1959, porém parecem estar aptos a lidarem com uma engenhoca de finalidade desconhecida por eles, o satélite brilha em seus olhos como algo vindo do estrangeiro, não nacional, de claro valor para outras nações e insignificante para o Brasil.

## 1.2 EXCITAÇÃO (JEAN GARRET, 1977) – A TECNOLOGIA É O CONTROLE DO PRÓXIMO

Em meio ao fim da época dos estúdios cinematográficos brasileiros e ao processo de transição dos meios para se conseguir produzir cinema no país após o golpe militar de 1964, nasce um cinema em São Paulo que têm como característica ser certeiro em relação ao público. São as chamadas pornochanchadas, que assim como as chanchadas tinham por característica principal serem comédias fáceis, de roteiros pouco experimentais ou inventivos, porém, se soma ao conjunto uma realização menos abastada e irrigada por cenas de sexo não explícito, onde o corpo feminino era visto pelos diretores e produtores das obras como meio de fazer os filmes entrarem em circuito comercial devido ao apelo ao público masculino e também devido ao relaxamento da censura do governo militar por enquadrar os filmes com cenas erotizadas como legais por não trazerem subversões claras.

Naturalmente, com o número de produções do “gênero” crescendo entre os profissionais de cinema da boca do lixo em São Paulo, vários cineastas enxergam a possibilidade de elaborar filmes autorais, densos e de gêneros que fugissem da comédia sem deixar de trazer cenas eróticas para que não afastassem o público. Este é o caso de *Excitação*, que não se desvincula da pornochanchada ao mesmo tempo que é construído como um filme que discute relações do ser humano industrializado e voltado a vida do trabalho na cidade grande para com a tecnologia que o cerca, bem como apresenta uma clara relação de abuso psicológico de um homem vitimando sua parceira, rumando a uma direção de enquadramento no gênero de terror propositalmente – buscando ampla inspiração no cinema de *giallo* italiano — sem deixar de exagerar e erotizar cenas de nus femininos ou de relações sexuais.

Assim como dentro do universo das chanchadas *O Homem do Sputnik* se destaca por não trazer apenas “elementos regra” para um filme produzido pela Atlântida, *Excitação* do cineasta português radicado no Brasil Jean Garret ganha força e forma de filme autoral e livre por apresentar mais do que “elementos regra” para uma pornochanchada.

Na obra, Renato (Flávio Galvão), um bem-sucedido empresário paulistano, aluga uma casa de praia onde um outro empresário acabara de cometer suicídio. O local irá ser usado para abrigar sua esposa, Helena (Kate Hansen) que se recupera de consecutivas crises nervosas causadas pela vida agitada na capital mais populosa da América do Sul. A mulher passa a semana sozinha na casa. Enquanto, em São Paulo, Renato trabalha em meio a máquinas e computadores modernos que diz serem sua paixão. Na casa é mulher é assombrada por equipamentos elétricos que pifam ou funcionam sozinhos, Renato, volta de São Paulo para socorrer sua esposa e faz uso de *Gaslighting*, ao tentar convencer Helena de que nada acontecera, de que ela imaginara o ocorrido, uma vez que o chuveiro e outros equipamentos não apresentaram falhas ao serem testados por ele.

Paralelamente a aos acontecimentos na casa, o casal se conecta com Arlete (Betty

Saady), a única vizinha na praia e viúva do empresário que se matara. A mulher se torna amante de Renato e amiga de Helena, lhe oferecendo ajuda através de uma “limpeza” umbandista na casa para que os acontecimentos sobrenaturais se sessem. A rotina dos três é destabilizada pela chegada de uma prima de Arlete, Ludmila (Zilda Mayo), que vem em busca de aventuras sexuais e liberdade do mundo mecanizado na casa de praia de sua parente agora viúva. No esquema imperdoável sexualmente de uma pornochanchada, Renato é seduzido incessavelmente por Ludmila, provocando ciúmes de Helena e de Arlete.

A limpeza não funcionara e Helena continua a ser assombrada pelos equipamentos da casa e numa intensificação de tensão sexual, Renato e Ludmila transam em uma pequena lancha alugada pelo homem. Em terra firme, Helena tem seu quadro psicológico agravado, culminando, durante a noite, num momento em que Ludmila, numa brincadeira, tenta assustar Helena com sua moto e é recebida com um tiro, que lhe atinge de raspão e posteriormente num outro momento onde Ludmila é morta e arrastada pelo mar por alguém que não podemos identificar. Logo no dia seguinte Renato faz Helena acreditar que ela cometera o assassinato e a manda a força para um sanatório.

No final da história apresentada no filme, tomamos conhecimento de que os aparelhos não funcionavam de maneira errônea devido a uma assombração e sim devido a um plano maléfico de Renato em deixar sua esposa maluca, onde ele montará uma sala de controle escondida, local que era responsável pelo funcionamento bizarro dos equipamentos. Além do homem também ser responsável pela morte de Ludmila e pelo suicídio do marido de Arlete – ela e Renato eram amantes antes do mesmo alugar a casa – ao ter fraldado dados eletronicamente dos negócios do outro homem, o levando a acreditar que estava em situação de falência. Numa última reviravolta Helena foge do sanatório possuída pelo espírito do suicida, que buscava contato com a mulher para que ambos se vingassem de Renato e Arlete, acabando o casal de amantes sendo mortos por Helena (possuída) a tiros na casa de praia.

O filme de Garret apresenta a tecnologia como algo entrelaçado com vida de um grupo de paulistanos de classe alta. Nos anos 70, a maioria da população brasileira já se encontrava em centros urbanos, associando o viver com a utilização de tecnologias. Um ponto claro no filme é a aparente falta de opções para Helena, pois ela não pode se livrar dos aparelhos e outros componentes elétricos de sua casa. Praticamente todos eles são essenciais para sua vida na casa de praia, porém, o mal funcionamento dos mesmos, se pensarmos na colocação de que Renato os controlava através de informática, pode ser visto como uma tipo de *novum*, uma vez que a situação transporta Helena para uma nova realidade paranoica, onde ela passa a ter medo e a evitar qualquer aparelho ou instalação elétrica.

Já Renato, é um aficionado por computadores e elementos eletrônicos, vê nas máquinas o futuro do mundo, além de já falar na possível substituição de toda mão obra

humana por uma “mão de obra” computadorizada. Numa trama secundária ou primária, depende do espectador, para um filme com cenas eróticas, o cineasta português introduz um possível uso negativo para com o domínio de máquinas. Renato, um típico burguês, rico e bem-sucedido, não apenas controla Helena ao fazê-la achar que está enlouquecendo, como através dos computadores também destruiu a vida do marido de Arlete. Tendo como base seu conhecimento sobre componentes eletrônicos, o fazendo ser um homem mais poderoso que a média dos humanos (principalmente a época que se dá o filme, uma vez que o uso de computadores, por exemplo, não era amplo) por saber se aliar as máquinas. Renato também pode ser visto como uma figura contemporânea e de existência como caráter possível apenas num mundo já computadorizado. Em meio a tantas máquinas, o homem se tornará uma pessoa fria, calculista e lógica.

Os elementos de horror construídos nos filmes colaboram para uma visão assustadora de aparelhos e eletrodomésticos. O auto funcionamento dos mesmos é algo muito apresentado em filmes de terror, é clássico em termos de manifestação de diversas criaturas, entidades, demônios e fantasmas. No filme de Garret a tecnologia informa, aterroriza e controla mentes.

### **1.3 BRANCO SAI, PRETO FICA (ADIRLEY QUEIRÓS, 2014) – A TECNOLOGIA É NOSSA VIDA E VICE VERSA**

Em meio a explosão de festivais de cinema ao redor do país e do mundo interessados na exploração de caráter autobiográfico e biográfico do cinema realizado com minorias ou grupos excluídos pelo cinema em geral até então, caminhando lado a lado com o advento e extrema popularização dos meios digitais de filmagem, nasce Branco Sai, Preto Fica. Um dos filmes símbolo do período atual em que o cinema brasileiro se encontra.

A obra de Adirley Queirós é datada de 2014, 55 anos depois de O Homem do Sputnik e quase 40 anos depois de Excitação. O Brasil mudou e ao mesmo tempo andou em círculo de certa maneira. Bem como seu cinema, que após a onda dos “cinemas novos” (cinema novo e cinema marginal no Brasil) passou a contemplar cada vez mais, em número de obras realizadas, produções de caráter autoral. Num contexto geopolítico, no mundo contemporâneo o Brasil cresceu, se tornou potência e hoje volta a traçar um caminho, presente em muitos países emergentes, de crise e flerte com o subdesenvolvimento.

Assim como nos anos 60 e 70, se combate o cinema comercial estrangeiro hegemônico nas salas de exibição e o próprio cinema nacional de caráter pouco inovador e distante de críticas e pensamentos profundos sobre a sociedade com obras que retratam diretamente camadas marginalizadas da população, por mais que inúmeras vezes os filmes falhem (assim como várias obras enquadradas nos movimentos da segunda metade do século XX) em dialogar realmente com as camadas retratadas, se voltando para um público de festivais de cinema altamente receptivo e consciente até certo ponto dos problemas e questões levantados por este tipo de filme. Pode se pontuar que a linguagem usual

brasileira e mundial de filmes presentes em festivais é lenta, busca explorar um caráter de estagnação clara e minimalista. Contempla influências melancólicas de um cinema de fluxo, recheado de situações cotidianas e naturalistas ao tentar fugir de uma estetização clássica estadunidense.

Com um direcionamento escolhido principalmente em sua fotografia, decupagem e em algumas camadas de hibridismo (mistura de ficção com documentário) para uma estetização muito presente em obras que circulam apenas em festivais de cinema, Branco Sai Preto Fica se destaca ao conseguir trazer elementos mundiais (uso extremo de tecnologia), brasileiros e regionais mais específicos (no caso do filme, elementos dos subúrbios mais pobres ao redor do Distrito Federal e da própria atuação e história real dos participantes do filme, por ser realizador por um cineasta morador e com vivência no local apresentado no filme) e elementos de uma classe que é quase que exclusivamente retratada em filmes de autor (a classe média baixa e a classe C onde predomina populações de ascendência negra), além de ser um dos poucos exemplos do uso da ficção científica atualmente num filme que utiliza de forma genérica convenções do gênero devido à liberdade criativa que carrega. Retratando a vivência tecnológica/ eletrônica de brasileiros marginalizados e vítimas de um estado racista e sectário.

O filme tem como seu “fio condutor” uma história real de um crime cometido por policiais em 1986 na Ceilândia (região suburbana de Brasília) contra uma casa de shows de músicas voltadas aos estilos reproduzidos por populações negras na época, Hip Hop, Soul, Funk. A obra nos apresenta três personagens principais, Marquim (Marquim do Tropa), Sartana (Cláudio Irineu Shokito) e Dimas Cravalanças (Dilmar Duraes). Os dois primeiros foram vítimas do crime ocorrido nos anos 80, Marquim perdeu quase que totalmente o movimento de suas pernas devido a um tiro e Sartana perdeu uma das pernas por ter sido pisoteado por um cavalo da polícia. O terceiro homem tem um papel inteiramente fictício, se trata de um policial viajante no tempo vindo do ano de 2070 para buscar provas que possam incriminar o estado brasileiro num processo que afirma a brutalidade policial e a diferença de tratamento para com povos marginalizados.

Em meio a história entrelaçada com cenas documentais do cotidiano de Marquim, que mantém uma rádio em sua casa e Sartana, que busca por próteses abandonadas em ferro velhos e ajuda outras pessoas na regulagem de suas próprias próteses, o filme cria um universo distópico para com os meios tecnológicos. Já Dimas, viaja no tempo em um contêiner/ nave que sacode e pisca em várias luzes durante as desnordeadoras viagens.

Na casa de Marquim somos introduzidos a um *novum*, um objeto científico estranho ligado por cabos e revestido por uma tubulação metálica. O objeto é revisto e inspecionado algumas vezes por Marquim. Com ajuda de seu colega DJ Jamaika (Jamaika), o homem prepara uma bomba de “contato com a Ceilândia” a ser lançada em Brasília. A bomba carrega músicas e sons provenientes da Ceilândia, Rap, um forro brega, sons de uma feira popular, etc. Além de buscar com sua rádio amadora um contato com seu amigo

Sartana, que nunca mais vira.

O reencontro entre Sartana, que busca meios clandestinos para “hackear” sua perna mecânica e ter controle total sobre ela para posteriormente voltar a pisar num “baile”, e Marquim ocorre. Os amigos passam a trabalhar juntos na construção da bomba, quando Sartana usa contatos para poder roubar uma grande quantidade de energia do metrô de Brasília carregada em algumas baterias de carro. Num final aberto e metafórico, o homem preso à cadeira de rodas conclui seu plano realizando o “lançamento” do artefato e queimando as provas que o responsabilizariam pelo ocorrido. Sartana desenha Dimas em sua nave participando de uma possível destruição completa da esplanada do governo federal em Brasília. Na tela, o policial do futuro apenas corre de um inimigo invisível sem deixar claro se ele tentou evitar o lançamento da bomba ou se facilitou seu sucesso.

Num presente distópico não só as personagens retratadas foram privados de inúmeros relações com suas cidades (fato retratado na parte documental do filme) como são marginalizadas e praticamente obrigados a ficarem na Ceilândia sem poderem circular em Brasília – outro fato facilmente observado na realidade de comunidade suburbanas, porém no filme a segregação é aumentada com a “polícia do bem-estar social”, que realiza toques de recolher e desencoraja moradores da Ceilândia a tentarem entrar em Brasília.

As tecnologias do filme são as tecnologias presentes em nosso cotidiano, várias já são até datadas, porém Queirós constrói uma realidade de sucateamento físico extremamente presente de uma comunidade que só tem acesso aos restos de uma população mais rica nunca vista. Restos esses usados pelos marginalizados como fonte de resistência e resiliência de suas vidas prejudicadas imensuravelmente pelo estado.

Os rastros tecnológicos deixados pela humanidade já são enormes, é fácil imaginar esta sociedade “distópica” onde as populações mais pobres convivem massivamente com diferentes tipos de tecnologia, uma vez que cada vez mais a ciência, seus cabos, fibras e inovações fazem parte do cotidiano de um país como o Brasil. O domínio para com componentes, funcionamento de máquinas, computadores e afins é questão comum em novas gerações. Populações jovens inteiras adquiriram o hábito de concertar seus próprios equipamentos e entender seus funcionamentos através da popularização da informação. Não é mais absurdo e distante se criar algo dentro da própria casa, como Sartana e Marquim fazem. Tal qual, ferramentas inventadas graças a um advento tecnológico, como a Internet atualmente, os protagonistas do filme encontram conforto e acessibilidade em poderem comandar sua própria rádio num estúdio caseiro, alterar o funcionamento de uma prótese mecânica de uma perna e de realizar uma bomba cientificamente complexa cujo o resultado é musical. No futuro de Dimas, provavelmente, a tecnologia não é nem uma questão, não são as novas gerações que dominam o funcionamento da ciência, são todas. Para Marquim e Sartana o domínio tecnológico é o meio de continuarem suas vidas de uma maneira possível frente a toda sucata científica.

## REFERÊNCIAS

- Anos de Incerteza (1930 – 1937) – A Política da Boa Vizinhaça.** Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/RelacoesInternacionais/BoaVizinhaça>>. Acesso em 06/06/2019.
- BERNARDET, Jean-Claude. **Brasil em tempo de cinema: ensaio sobre cinema brasileiro de 1958 à 1966.** Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007.
- CRUZEIRO, Victor. **O Homem do Sputnik (1959).** Disponível em: <<https://naosaoasimagens.wordpress.com/2015/07/16/o-homem-do-sputnik-1959/>>. Acesso em 10/05/2019.
- DARGAY, Charlene. **WHERE DOES THE TERM GASLIGHTING COME FROM?** Disponível em: <<https://www.quora.com/Where-does-the-term-gaslighting-come-from>>. Acesso em 06/07/2019.
- GALLANT, Chris. **Where to begin with giallo.** Disponível em: <<https://www.bfi.org.uk/news-opinion/news-bfi/features/where-begin-giallo>>. Acesso em 06/06/2019.
- GOMES, Paulo Emílio Salles. **Cinema: Trajetória no Subdesenvolvimento.** Rio de Janeiro: Paz e Terra/Embrafilmes, 1980.
- GRECCO, Marcella. **O cinema da Boca e as Pornochanchadas.** Disponível em: <<http://www.rua.ufscar.br/o-cinema-da-boca-e-as-pornochanchadas>>. Acesso em 04/06/2019.
- OLIVEIRA JR., Luis Carlos. **A Mise en Scène no Cinema. Do Clássico ao Cinema de Fluxo.** Campinas: Papyrus, 2013.
- Organização: WINTER, Othon Cabo e PRADO, Fernando Bertachini de Almeida. **A Conquista do Espaço: Do Sputnik à Missão Centenário.** Guaratinguetá: Agência Espacial Brasileira, 2007.
- RAMOS, José Mário Ortiz. **A Questão do Gênero no Cinema Brasileiro.** São Paulo: Revista da USP N 19, set/ out/ nov 1993: 109 – 113.
- SUPPIA, Alfredo. **Atmosfera Rarfeita: A Ficção Científica no Cinema Brasileiro.** São Paulo: Devir (Enciclopédia Galáctica), 2013.
- VIEIRA, João Luiz. **Industrialização e Cinema de Estúdio no Brasil: a “Fábrica” Atlântida.** Disponível em: <<http://www.cpcb.org.br/artigos/industrializacao-e-cinema-de-estudio-no-brasil-a-fabrica-atlantida/>>. Acesso em 11/05/2019.
- XAVIER, Ismail. **Alegorias do Subdesenvolvimento.** São Paulo: Brasiliense, 1993.
- XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico – a opacidade e a transparência.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Agenciamento Criativo 117, 120, 128

Ambiguidade Visual 1, 5, 13

Análise Musical 130, 202

Andragogia 94, 95, 96, 97, 103, 104

Aprendizado Musical 105, 109, 110, 111, 114

Arte 2, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 21, 25, 28, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 43, 45, 46, 47, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 84, 96, 99, 103, 117, 130, 132, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 185, 186, 189, 191, 196, 202, 203, 207, 212, 213

Artes Visuais 35, 48, 73, 74, 159, 185

### B

Biogravura 158, 160, 162, 166

Borboleta 158, 162

### C

Ciência 2, 3, 6, 15, 80, 82, 83, 84, 85, 87, 92, 96, 103, 106, 115, 121, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 177, 180, 182, 186, 189

Cinema 34, 35, 48, 49, 55, 56, 57, 60, 73, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 93, 144, 205, 207, 212

Cognição 105

Compositores Brasileiros 61, 66, 68, 69, 70, 193

Corpo 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 27, 40, 44, 55, 57, 59, 60, 88, 106, 107, 108, 120, 122, 124, 127, 128, 129, 163, 164, 167, 168, 169, 174

Cravo Brasileiro 61, 66, 69

Cravo no Brasil 61

Cultura Visual 12, 14, 24, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 143, 144, 145, 146, 148, 149, 150

### D

Deficiência Visual 72, 73, 74, 77, 80

Desenho 21, 23, 25, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 164, 172

Desenvolvimento 2, 24, 25, 26, 38, 73, 74, 76, 80, 95, 98, 100, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 113, 114, 115, 116, 132, 145, 146, 153, 156, 159, 174, 177, 178, 179, 205

Dispositivo 8, 73, 117, 119, 120, 121, 122, 124, 127, 128, 129, 187

Drag 16, 17, 18, 19, 20, 21

## E

Educação 24, 33, 47, 48, 75, 77, 80, 94, 100, 102, 103, 104, 116, 143, 144, 145, 148, 150, 157, 183, 185, 213

Educação Musical 94, 95, 97, 102, 103, 104, 178

Epistemologia 1

Epizeuxis 130, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141

Estudos Culturais 34, 35, 36, 143, 144, 146, 148, 149, 150

Experiências 5, 17, 27, 29, 31, 32, 38, 67, 72, 74, 76, 77, 78, 80, 85, 87, 106, 108, 129, 143, 146, 148, 156, 176, 194, 206, 211

## F

Família 36, 37, 42, 49, 79, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 170, 173

Feminismo 23, 46, 48, 54, 55, 60

Formação 4, 25, 26, 33, 56, 77, 85, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 145, 146, 149, 157, 159, 163, 167, 176, 195, 202

Fotografia 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 43, 44, 73, 91

Funções Executivas 105, 106, 107, 108, 109, 113, 114, 115

## G

Gênero 17, 18, 19, 23, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 52, 67, 82, 84, 85, 87, 88, 91, 93, 124, 147, 149, 150, 168, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 202

## H

Heterogênese 117, 120, 127, 128, 129

História da Arte 1, 2, 3, 5, 6, 12, 13, 14, 15, 167, 170, 174, 185, 191

## I

Identidade 6, 19, 23, 35, 42, 43, 46, 74, 82, 104, 147, 150, 163

Imagem 2, 3, 4, 5, 6, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 35, 56, 59, 60, 74, 79, 122, 144, 146, 148, 150, 164, 168, 170, 173, 174, 185, 186, 189, 190, 191

Infância 10, 99, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 115, 181

Inquietações 1, 2, 25, 147, 197

Inteligência Musical 94, 95, 98, 99, 102

## M

Memória 6, 70, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 80, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 194

Metamorfose 158, 162

Mulher-Maravilha 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60

Musica Colonial Brasileira 130

## O

Olhar 6, 12, 14, 24, 25, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 55, 56, 57, 73, 101, 134, 146, 149, 153, 166, 167, 168, 186, 187, 188, 190

## P

Patriarcado 48, 59

Política 16, 17, 19, 23, 50, 149, 197, 205, 209

Professores 31, 33, 66, 79, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 144, 145, 154, 172, 178

## R

Representação 5, 13, 17, 19, 28, 34, 35, 36, 39, 40, 48, 50, 54, 55, 57, 59, 84, 164, 167, 168, 169, 170, 172, 189, 191

Retórica Musical 130

## S

Séculos 20 e 21 61

Simetria 19, 158, 162, 163, 164

## V

Visualidades 26, 27, 28, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 46, 72, 73, 77, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150

# Arte Comentada 3

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

Atena  
Editora

Ano 2020

# Arte Comentada 3

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

Atena  
Editora

Ano 2020